

# REVISTA HISTORIAR

**Antonio Vitorino Farias Filho**

*Dourando em História pela Universidade Federal de  
Pernambuco*

*Secretaria da Educação Básica - CE*

Curso de História da Universidade Estadual Vale  
do Acaraú – UVA

*NINA RODRIGUES, OS AFRICANOS NO BRASIL E A  
FORMAÇÃO DA NACIONALIDADE BRASILEIRA:  
uma interpretação*

## Resumo

---

Propomos, neste trabalho, uma análise sobre as obras *O animinismo fetichista dos negros baianos* e *Os Africanos no Brasil*, escritos pelo médico maranhense, Raimundo Nina Rodrigues.

Palavras-chave: Raça, Africanos no Brasil, Fetichismo

---

## Abstract

---

We propose in this paper, an analysis of the works *O animinismo fetichista dos negros baianos* and *Africanos no Brasil*, written by a doctor from Maranhão, Raimundo Nina Rodrigues.

Palavras-chave: Race, Africans in Brazil, Fetishism

---



## Introdução

Parece unânime entre os estudiosos defender que, se Nina Rodrigues não foi o primeiro no Brasil a estudar o negro, foi pelo menos aquele que com profundidade o elegeu como objeto de ciência. De fato, a questão central dos trabalhos deste médico dizia respeito em analisar a influência da “cultura” e da psicologia negras na formação da nacionalidade brasileira. O negro no Brasil é, assim, o elemento ou objeto central da maioria de seus trabalhos, como fez no *O animismo fetichista*<sup>1</sup> e no livro *Os Africanos no Brasil*<sup>2</sup>. Este último é para muitos estudiosos uma das obras principais do autor, pela profundidade de sua análise e pela descrição que faz da cultura dos negros africanos trazidos para o Brasil.

O Livro, *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos* reúne cinco artigos do autor, publicados originalmente na *Revista Brasileira* entre 1896 e 1897, os quatro primeiros sob o mesmo título e um quinto chamado *Ilusões da catequese no Brasil* que, juntos, foram publicados mais tarde, em 1900, na forma de livro, em francês, com o título *L'animisme fetichiste des nègres de Bahia*. Em 1935, Arthur Ramos, discípulo de Nina Rodrigues, reuniu os artigos publicados na *Revista Brasileira* e publicou-os em livro, atualizando a grafia. A obra foi reeditada nas comemorações do centenário da morte do Médico da Faculdade de Medicina da Bahia.

A obra de Nina Rodrigues, *O Animismo Fetichista*, é resultado do esforço do autor para empreender um estudo descritivo das práticas religiosas dos negros baianos no final do século XIX. Mas, não pode se resumir a isso. Médico, agindo como etnólogo, e convicto de que seu método científico era o mais adequado para analisar e descrever as práticas religiosas dos negros baianos, adotou uma postura de observador, indo pessoalmente aos cultos, assistindo-os e anotando em seu diário as observações feitas. Ajudado por informantes, ele compôs um quadro vivo das práticas cotidianas dos cultos religiosos dos negros. Mas, embora sempre esteja defendendo a sua pretensa neutralidade científica e, da mesma forma, descreva os cultos, documentando-os para a posteridade, sempre adota uma postura analítica. No *O Animismo*, por exemplo, tenta explicar a possessão como um caso *sui generis* de histeria dos negros e dos povos mestiços como uma sobrevivência hereditária do atraso da evolução de sua raça, ainda que não conclua seguramente. Aqui, a postura do etnólogo se transforma na postura do médico, que tenta explicar o “sobrenatural”, como uma “doença”

---

<sup>1</sup> RODRIGUES, Nina. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Editora UFRJ, 2006.

<sup>2</sup> RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Madras, 2008.

perfeitamente explicável e compreensiva. Desta forma, o relato de Nina Rodrigues pretensamente científico, “neutro”, “objetivo” e que busca a “verdade”, não é, absolutamente, inocente, como um leitor desavisado poderia imaginar.

No *O Animismo Fetichista*, mas isso ocorre em toda a sua obra, embora adote uma postura que nos pareça muitas vezes valorizar as tradições, costumes e cultos religiosos dos negros e mestiços, chegando mesmo em alguns casos a defender a liberdade dos cultos “africanos” contra os ataques da imprensa baiana, Nina Rodrigues está sempre buscando comprovar a sua tese de que os povos mestiços seriam mais propensos ao desequilíbrio e, portanto, fadados às degenerações. Pela miscigenação evidente, finalmente, a nação estaria condenada ao fracasso. Neste último caso, também parece haver contradições, pois em alguns momentos fica a impressão de que, dependendo das nações negras que aqui aportaram, se mais ou menos evoluídas, seria possível ao país, ainda que de forma mais lenta, atingir a civilização, como faz no livro *Os africanos do Brasil*. Esse pensamento advém da ideia de que mesmo entre as “raças inferiores” há graus de evolução desiguais.

O pensamento de Nina Rodrigues não é fácil de ser apreendido em função de seus paradoxos e contradições que só uma leitura atenta de seus trabalhos pode revelar. De um lado, não se pode negar que ele aceitou os dogmas e as teses do darwinismo social e da antropologia criminal, por outro lado, adotou-as em relação à realidade brasileira fazendo muitas vezes uma releitura das teses raciais chegando mesmo, em alguns casos, a contestá-las com base em uma pesquisa empírica (pesquisa científica).

Sem dúvida, a grande questão de Nina Rodrigues no *O Animismo Fetichista* e em muitas obras escritas por ele, é o negro, isto é, o seu grande problema é saber qual foi a influência ou contribuição social exercida pelas raças negras no Brasil, tendo em mente a formação de nossa nacionalidade. O que estava em jogo era, também, avaliar o destino do país com base em sua formação racial. O país estava em vias de formação e não constituía uma nação acabada. Era necessário, pois, avaliar o valor de seu povo e se possível intervir na realidade para ajudá-lo em sua caminhada. Esse era o papel do médico Nina Rodrigues. Como etnólogo cabia a análise, o que faz muito bem em seus trabalhos.

Ao contrário de *O animismo*, a obra *Os africanos do Brasil* está dividida em nove capítulos e uma introdução. Reúne artigos do autor publicados em importantes periódicos da época, entre os anos finais do século XIX e os primeiros anos do século XX, com trabalhos até então inéditos. A meu ver, embora em toda a obra uma das preocupações centrais do autor seja descrever e analisar a procedência dos negros africanos para o Brasil com o tráfico negreiro, podemos dividi-la em duas partes: nos quatro primeiros capítulos a preocupação

central é analisar a procedência dos negros africanos trazidos para o Brasil durante os três séculos da escravidão; nos cinco capítulos seguintes, embora esta preocupação não tenha sido deixada de lado, a questão principal centra-se sobre a análise das sobrevivências africanas na “cultura” brasileira e, sobretudo, baiana.

Em toda a obra, isto é, nas “duas partes”, o fio condutor da análise é saber, partindo da procedência dos negros africanos e das sobrevivências de sua cultura na sociedade brasileira, o grau de contribuição dos povos negros para a formação da nacionalidade brasileira. Saber, por exemplo, sobre a procedência africana dos negros é importante no sentido de que, dependendo do “grau de evolução” de “sua civilização” na África, a sua contribuição à sociedade brasileira é positiva ou negativa. Quanto “mais inferior” culturalmente é um povo africano trazido para o Brasil, maiores serão as dificuldades de nossa nação “evoluir” segundo o padrão europeu, uma vez que, entre os negros africanos, o médico estabelece um grau de hierarquia em sua “evolução biológica e cultural”, não negando a alguns povos africanos a possibilidade de atingir a civilização, embora de forma mais lenta que o “homem branco”, o que é surpreendente, tendo em vista o seu referencial teórico biologizante, considerando que as “raças” estão em estágios de evolução desiguais e que os negros são inferiores em relação ao europeu.

A seguir, apresentamos um resumo das principais questões discutidas pelo autor em cada capítulo de suas duas obras discutidas aqui para, finalmente, apreender a essência de sua interpretação.

### **O animismo fetichista**

No *O Animismo Fetichista*, Nina Rodrigues descreve e explica os rituais negros e mestiços da Bahia, suas danças, cantos, Orixás, etc. Analisa o significado do feitiço e a influência que exerceram os rituais negros na população baiana, mesmo na “alta sociedade”. Dos inúmeros temas tratados na obra, sobressaem, como mostram a apresentação dos organizadores da obra, a distinção que faz entre os negros sudaneses e bantos, o sincretismo religioso e a constatação de que a crença se encontra generalizada, chegando até a elite.

No primeiro capítulo intitulado, *Zoologia fetichista dos afro-baianos*, o autor, inicialmente, afirma que a religião predominante entre os negros baianos é o “fetichismo” iorubano e que ele persiste entre os negros e mestiços. Incapazes de compreender o culto

católico, o fetichismo iorubano foi adotado pelos negros e mestiços, como religião e mais de acordo como “sua intelligencia rudimentar”<sup>3</sup>.

A característica central da religião iorubana é, segundo o autor, uma espécie de animismo difuso e que como forma de culto organizado acredita que na Bahia, naquele momento, “só existem a religião dos iorubanos ou de candomblé, e a religião dos negros convertidos ao islamismo”<sup>4</sup>. Em seguida, conclui o capítulo fazendo uma descrição da religião, dos cultos e dos Orixás iorubanos.

No segundo capítulo, *Liturgia fetichista dos afro-baianos*, o autor nos apresenta os grandes terreiros de candomblé na Bahia e descreve os seus cultos, como aquele do Gatais. Aqui o autor fala da importância da procura dos terreiros por protetores (ogans), pessoas importantes e influentes que intervêm junto aos poderes instituídos para garantir a tolerância aos cultos religiosos dos negros. Sugere que a proteção era real e que os ogans gozavam de prestígio e também tinham sua recompensa garantida em troca da proteção aos terreiros.

Neste capítulo, Nina Rodrigues descreve o rito de iniciação, as funções do pai de terreiro e o feitiço. Esclarece que a crença no feitiço não era prerrogativa apenas dos “negros boçaes e ignorantes”, mas penetra mesmo na “melhor sociedade”. Daí apresenta vários exemplos disso.

No Capítulo terceiro, *Feitiço, Vaticínio; estado de possessão, oráculos e fetichistas*, o médico maranhense centra sua análise e descrição no que chama de possessão ou estado de santo, considerando-o como “simples estado de sonambulismo provocado”<sup>5</sup>. Aqui, transparece claramente o seu determinismo biológico ao defender que persiste nos negros e mestiços, como resultado de seu fraco desenvolvimento intelectual, a histeria, revelada na possessão.

No quarto capítulo, *Cerimonias do culto fetichista: candomblés, sacrifícios, ritos funerários*, descreve as cerimônias dos sacrifícios realizados nos candomblés da Bahia para concluir dizendo que o fetichismo vigente nos cultos negros baianos persiste no Brasil tal como existe na África.

Finalmente, no último capítulo, *Ilusões da Cathequese no Brasil*, o autor levanta a tese de que, ao invés do fetichismo do negro se converter ao catolicismo, é o catolicismo que recebe influência do fetichismo negro. No final analisa a ideia da pureza do culto fetichista africano no Brasil, afirmando que à medida que se extinguirem os pais de terreiro africanos, que receberam educação em sua terra, e que os mestiços assumirem os cultos, a sua pureza deixará de existir:

---

<sup>3</sup> RODRIGUES, Nina. *O animismo fetichista*. Op. cit, pp. 80-81.

<sup>4</sup> Id. Ibid., p. 81-82.

<sup>5</sup> Id. Ibid., p. 33.

para o negro creoulo e para o mestiço, que não receberam a influencia tão directa da educação de pais africanos, que delles se foram segregando pela ignorancia da língua e maior conveniencia com os outros elementos da população mesclada e heterogenea do estado, as praticas fetichistas e a mythologia africana vão degenerando da sua pureza primitiva, gradualmente sendo esquecida e abastardadas, ao mesmo tempo que se transfere para os santos catholicos a adoração fetichista de que eram objeto os orisás<sup>6</sup>.

### **Os africanos no Brasil.**

No primeiro dos nove capítulos de *Os africanos no Brasil*, intitulado *Procedência africana dos negros brasileiros*, já está presente a preocupação central do autor em toda a obra: analisar e avaliar a importância do negro na formação da nacionalidade brasileira. Nina Rodrigues inicia a seção comparando a influência da “raça negra” na formação dos EUA e do Brasil. Para ele, entre os norte-americanos, em função da não existência da miscigenação e da existência lá de um amplo grupo de elementos brancos, a “raça negra” não teve influência no desenvolvimento da nação. Aqui no Brasil, ao contrário, a nacionalidade ergue-se sobre os negros “puros” ou “mestiços”. Daí por que o autor se propõe a analisar a procedência dos negros africanos, em separado, para avaliar “suas capacidades de civilização e progresso”<sup>7</sup>.

Assim, para Nina Rodrigues, a questão do negro e da miscigenação está no cerne da formação da nacionalidade brasileira. Diz ele, “em torno da questão do mestiço está o desenvolvimento de nossa capacidade cultural e no sangue negro havemos de procurar, como uma fonte, algumas de nossas virtudes e defeitos”<sup>8</sup>.

Lamentando a falta de estudos sobre o negro brasileiro se propõe a ampliar o conhecimento sobre o “nosso negro”, já iniciado em outras obras suas, como no *O Fetiche dos negros baianos*. Ao estudar a procedência dos africanos para o Brasil, o autor cita uma vasta bibliografia que trata do assunto, demonstrando conhecer bem os estudos feitos até então sobre o tema que lhe interessa. Assim, partindo deles, de observações empíricas feitas na Bahia e de um gama de documentos (fontes), entre eles estatísticas aduaneiras, artigos de jornais que noticiam sobre o movimento comercial do porto, livros manuscritos e outros, o autor traça um amplo panorama da procedência dos negros que vieram para o Brasil durante a vigência do tráfico negreiro.

---

<sup>6</sup> Id. Ibid., p. 118

<sup>7</sup> RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. Op. cit., p. 27.

<sup>8</sup> Id. Ibid., p. 27.

Após empreender o estudo, Nina Rodrigues conclui que desde o início do tráfico negreiro até a sua extinção, os grupos sudanenses formam a maioria dos africanos vindos para o Brasil, sobretudo na Bahia, embora em Pernambuco e Rio de Janeiro prevalecessem os negros do grupo banto (vindos da África austral).

No segundo capítulo, *Os negros maometanos no Brasil*, analisa os levantes ou “insurreições” dos negros islamizados na Bahia, na primeira metade do século XIX, sobretudo as revoltas que hoje conhecemos como “Revoltas dos Malês”. Claramente, ele considera os negros islamizados como superiores, alfabetizados e letrados, conhecendo bem o idioma árabe e cuja capacidade “intelectual superior” teria sido capaz de fazê-los entender muitos dos preceitos do monoteísmo maometano.

Segundo Nina Rodrigues, para se entender os reais significados das obras africanas “é necessário voltar às transformações étnicas e político-sociais que na época ocorriam no coração da África”. É, portanto, o que ele faz. Mostra, por exemplo, como tais transformações foram responsáveis pelas levas de escravos islamizados vindos para o Brasil nos primórdios do século XIX.

Em seguida, com as fontes de que dispõe e de trabalhos sobre o assunto, passa a descrever, em detalhes, as diversas revoltas levadas a cabo no Brasil pelos negros islamizados, na primeira metade do século XIX. Finalmente, conclui atestando que as revoltas do período tiveram forte influência sobre a religião islâmica professada pelos africanos que vieram para o Brasil. O motivo das revoltas é, sobretudo, religioso.

No capítulo seguinte, *As sublevações de negros anterior ao século XIX – Palmares*, analisa as “insurreições” de negros escravos, anteriores às revoltas da primeira metade do século XIX, sobretudo e principalmente o quilombo (ou os quilombos) dos Palmares, para concluir que em tais “insurreições”, perde-se a característica “e o contexto de um esforço pela liberdade é enfraquecido, não se percebendo mais a vibração do sentimento de saudades de uma distante terra de origem”<sup>9</sup>.

Com base em alguns trabalhos e fontes diversas, sobretudo crônicas, artigos e notícias de jornais da época, descreve Palmares e a epopeia de sua organização e destruição pelas forças do governo. Mas, como em toda a obra, a sua preocupação principal é saber qual a “raça” ou povo negro que predominava ou constituía Palmares e qual o estágio de cultura que havia atingido para, assim, avaliar o grau de sua contribuição à formação da sociedade brasileira.

---

<sup>9</sup> Id. Ibid., p. 72.



Após ampla discussão e análise conclui que os negros que formaram Palmares eram “fetichistas”, senão todos, pelo menos aqueles que o comandaram. Segundo sua análise, tudo leva a crer que Palmares foi um empreendimento banto e que sua organização não ultrapassou o grau de “evolução” de seu povo. Aqui claramente o autor revela a ideia de evolução ao deixar implícito que os bantos eram inferiores aos malês (negros islamizados), por exemplo, que Palmares reproduzia a capacidade cultural dos povos bantos e que se pode afirmar “que eles claramente voltaram à barbárie africana”<sup>10</sup>.

No quarto capítulo, *Os últimos africanos: nações pretas que se extinguíram*, o autor analisa o número de velhos africanos ainda existentes na Bahia no momento em que escreve, bem como busca saber a sua “nação” de origem, preocupação constante, como já evidenciamos. Em primeiro lugar, discorre sobre as atividades exercidas pelos velhos africanos que ainda restavam na Bahia, sobre o local onde moravam, de onde vieram, a data de sua chegada ao Brasil (quando é possível), descreve suas características físicas (da “raça”) e tradições. Conclui que, na Bahia, os grupos de nação nagô são ainda os mais numerosos e influentes e que existiam lá representantes de quase todas as nações iorubanas.

De cada “nação” africana vinda para o Brasil, faz um inventário de sua chegada e influência. Conclui que dos fins do século XVIII até a primeira metade do século XIX os nagôs foram amplamente introduzidos no Brasil e exerceram forte influência do meio social mestiço brasileiro. No final do capítulo, descreve os usos e costumes dos africanos que influenciaram a cultura baiana: a culinária, vestes e outros.

Do capítulo quinto em diante o autor centra sua análise nas influências exercidas pelas “tradições” ou “cultura” negra africana na formação da sociedade brasileira, com base nas “sobrevivências” africanas na população, sobretudo, as sobrevivências na língua, religião, festas e tradições e, por último, no folclore, para finalizar com um breve estudo sobre a “criminalidade negra”.

No capítulo intitulado *Sobrevivências africanas – as línguas e as belas-artes nos colonos pretos*, examina a influência da “cultura” (na qual chama de psicologia social ou popular) da “raça negra” na “formação da população nacional”, com base nas “sobrevivências africanas”, sobretudo suas línguas e “belas-artes”: danças, música, pintura e escultura. Aqui, o autor reserva mais da metade do espaço à discussão das línguas africanas faladas pelos negros no Brasil com o objetivo de mostrar a sua influência na língua portuguesa. A preocupação do autor não é estudar a fundo as línguas africanas, mas descobrir quais eram elas faladas no país. A partir disso, empreende um estudo descritivo de algumas línguas de tronco africano

---

<sup>10</sup> Id. Ibid., p. 90.

faladas aqui, associando-as, de um lado, aos locais geográficos da África, de onde vieram os escravos e, de outro lado, associando-as às línguas africanas faladas no Brasil.

Em segundo lugar, faz um resumo da gramática de algumas línguas africanas falada no Brasil, sobretudo as mais importantes, como por exemplo, a língua nagô, segundo ele a mais importante língua africana falada na Bahia, e organiza um vocabulário de cinco línguas africanas faladas lá. Finalmente conclui o capítulo discorrendo sobre as influências das “belas-artes dos pretos” na formação da “cultura” brasileira.

No capítulo sexto, *Sobrevivências totêmicas: festas populares e folclore*, a análise recai sobre as sobrevivências das “mitologias negras” introduzidas no Brasil pelos escravos africanos e sua contribuição na formação da nacionalidade brasileira. Dentre essas mitologias enumera o totemismo, ou pelo menos algumas de suas características, ainda persistentes nas tradições religiosas dos negros africanos, no folclore e festas populares. No prólogo do livro, Alexandre Cumino esclarece que para se ler Nina Rodrigues não se pode esquecer o período em que escreve. Naquele momento o evolucionismo comteano imperava e defendia que “a mitologia havia sido separada pela religião que, por sua vez, será superada pela ciência”. Só assim, se justifica a separação, que faz Nina Rodrigues, entre mitologia e religião, embora com características parecidas.

No capítulo seguinte, *Sobrevivências religiosas: Religião, mitologia e culto*, há ao que parece uma contradição aparente em Nina Rodrigues. Ao mesmo tempo em que “resgata” as sobrevivências africanas e o seu valor para a formação da nação brasileira considera como inferior as práticas de raiz africana e a própria “raça negra”, não sem hierarquizá-la, bem de acordo com o seu referencial teórico biologizante. No entanto, considerar os negros inferiores não significa desprezar a sua “cultura” e mais ainda as sobrevivências na sociedade mestiça brasileira. Chega mesmo a defender a liberdade de culto dos negros e mestiços contra a repressão policial levada a cabo na Bahia e contra a caricatura que fazem do culto africano a imprensa local, invocando a liberdade de expressão religiosa defendida pela constituição republicana. O autor interpreta e descreve algumas “sobrevivências” da religião negra e mestiça no Brasil, dando destaque para as suas influências “fetichistas”. Segundo ele, prevalece no Brasil, sobretudo na Bahia, práticas religiosas fetichistas iorubanas e jejes, com influências mútuas, embora tenha absorvido outras contribuições. Na Bahia, a religião negra estaria estratificada em zonas superpostas de influências, onde sobressaiam influências católicas, a idolatria dos santos católicos com suas equivalências nos Orixás e o “animismo superior do negro, a mitologia jeje-iorubana” e, por último, “o fetichismo estreito e

inconvertido dos africanos das tribos atrasadas, dos índios, dos negros crioulos e dos mestiços do mesmo nível intelectual”<sup>11</sup>.

No capítulo oitavo, *O valor das raças e povos negros que colonizaram o Brasil e seus descendentes*, Nina Rodrigues faz um inventário das “raças” negras que vieram da África para o Brasil com o objetivo de analisar o “seu valor social” para a formação da nação brasileira. Partindo da ideia de inferioridade da “raça” negra frente à “raça” branca, mas deixando-a de lado, defende como entre diversos povos africanos existem graus ou escalas hierárquicas de cultura e aperfeiçoamento, resultado da evolução desigual entre eles chegando, pois, a conclusão de que, embora “atrasados” eles também progredem e por isso são aptos a uma futura civilização, embora de forma mais lenta que outros povos. Assim, para ele, não importa a ideia de que os negros são inferiores. O que importa para o Brasil, que recebeu grandes levas de negros africanos durante três séculos de escravidão, é determinar, no entanto, o “quanto de inferioridade lhe advém da população negra que possui a dificuldade de civilizar-se e se essa inferioridade fica totalmente compensada pela miscigenação”<sup>12</sup>.

Portanto, tendo tais ideias em mente, o médico maranhense se propõe a examinar “a capacidade cultural do negro brasileiro” para concluir que a questão é o fato de que a evolução do negro, mesmo nos mais avançados, está na morosidade da evolução. É aí que “reside o ponto franco da civilização dos negros”<sup>13</sup>.

Ainda assim, a questão central reside no fato de saber quais “raças” negras vieram para o Brasil e qual o “grau de sua evolução”. Para ele, quanto mais “inferior” e “degradado” é a “raça” mais nociva ela será para a sociedade brasileira. No entanto, mostra, “o contrário do que se pensa em geral, os escravos negros introduzidos no Brasil não pertenceram exclusivamente aos povos africanos mais degradados, brutos e selvagens. Aqui entraram pelo tráfico negros dos mais adiantados e mais que isso, mestiços carmitas convertidos ao islamismo e vindos de estados africanos bárbaros sim, porém dos mais adiantados”<sup>14</sup>.

Finalmente, no último capítulo, Nina Rodrigues examina, brevemente, “a sobrevivência psíquica na criminalidade dos negros do Brasil”, título da seção. Para ele, a sobrevivência criminal do negro é resultado da coexistência em uma mesma sociedade de povos e “raças” em diferentes fases “da evolução moral e jurídica”, de onde o que para uns pode ser moral e de acordo com as leis, não o é para outros. Assim, os estudos de Nina Rodrigues sobre a persistência da criminalidade nas populações negras tenta mostrar que

---

<sup>11</sup> Id. Ibid., p. 198.

<sup>12</sup> Id. Ibid. p., 238-139.

<sup>13</sup> Id. Ibid., p. 239.

<sup>14</sup> Id. Ibid., p. 242.

muitos dos atos antijurídicos dos povos de “raças inferiores” numa ordem social estabelecida pelos brancos, são legais, morais e jurídicas, tendo em consideração o ponto de vista de quem os praticam. Desta forma, pelo menos neste pequeno estudo, revela todo o seu referencial teórico biologizante, ao defender que os atos de “criminalidade praticados pelos negros brasileiros” são resultados do atavismo e da hereditariedade de povos em estágios de evolução atrasados. Em um meio social diferente do seu e numa ordem jurídica diferente da sua, os “atos de criminalidade” praticados pelos negros, aos seus olhos, não são imorais e nem antijurídicos, estão de acordo com a sua “cultura” ou com o grau de evolução jurídica, de um lado, e de suas crenças religiosas, de outro.

#### 4. Conclusão

Nina Rodrigues, indiscutivelmente, foi aquele que na virada do século XIX para o século XX elegeu como objeto de investigação o negro brasileiro. Colocar o problema do negro como central para analisar a formação da nacionalidade brasileira eis o seu projeto de ciência. Os Livros *O Animismo fetichista* e *Os Africanos do Brasil* não fogem ao projeto. Nestas obras, mais ainda no *Os africanos do Brasil*, empreende um esforço etnográfico para compor um amplo quadro de informações e dados a respeito das contribuições culturais das comunidades negras para o Brasil.

Não podemos deixar de lado, ao analisar a sua obra, e não só os livros em questão, o contexto e as condições históricas e sociais de sua produção. Ninguém contesta que o médico maranhense, embora tenha produzido um pensamento original sobre a formação da nacionalidade brasileira e a influência do negro em sua constituição, foi fortemente influenciado pelas teorias de base racial vigentes em seu tempo. Formado em um ambiente institucional, num momento em que as teorias racistas penetravam com força no Brasil, Nina Rodrigues foi fortemente influenciado por elas. Foram seus mestres, Comte, Darwin, Cesari Lombroso, Enrico Feri e outros. Cabe, no entanto, não exagerar. O Médico da faculdade da Bahia, assim como muitos intelectuais do período, não adotou as ideias de seus mestres de forma mecânica. Pelo contrário, produziu um pensamento original que, embora aceite as ideias de desigualdade na evolução das “raças” humanas, apresentava soluções para os “povos” ditos atrasados, como defende Lilian Moritz<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> SCHWARCZ, Lilian Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Por outro lado, de fato, Nina Rodrigues produz um discurso sobre o negro brasileiro pautado pelo paradigma da determinação biológica na evolução das raças, aceitando a ideia da existência de raças e graus de evolução e desigualdades dentro de uma mesma “raça”, defendendo assim, no entanto, que há estágios de evolução em que um povo ou mesmo uma nação pode atingir a civilização mais rapidamente do que outro, não sendo possível, no entanto, medir isso.

A todo o momento esclarece que o seu discurso é “científico”, portanto, “objetivo”, e “neutro”. Esse é o paradigma de ciência positiva da época, cujo modelo é dada pelo método das ciências naturais. Adaptado às ciências humanas, considerava possível a produção da verdade com base em provas documentais “objetivas” e isentas de subjetividades. No entanto, todo o seu discurso está pautado por contradições quase insolúveis. Embora defenda que seu pensamento é neutro, sempre está “provando”, em seus estudos, a “inferioridade” da raça negra e implicitamente mostrando que, da nossa formação e colonização africana advém o nosso atraso como nação. Atraso que não significa uma condenação, pois podemos, a seus olhos, avançar na senda do progresso que, dependendo das raças negras aqui introduzidas com o tráfico negreiro, o progresso e a civilização seriam atingidas em graus diferentes. Tal é o objeto de *Os Africanos no Brasil*: descobrir que raças africanas aportaram aqui e qual o grau de contribuição cultural que nos legaram.

Outra contradição do autor diz respeito ao fato de dar voz aos negros no Brasil e defender que eles têm de se manifestar e manter seus cultos e tradições ao mesmo tempo em que os considerava, como já ressaltamos, inferiores, produto de sua “raça”. Portanto, Nina Rodrigues filtra o seu objeto de estudo, tendo como lente o seu referencial de base racial, advindo da biologia. Na sua narrativa, muitas vezes, pela técnica linguística utilizada e pela forma de narrar, leva-nos a acreditar que ele está valorizando a contribuição do negro africano na formação de nossa nacionalidade, mas, por outro lado, sempre conclui mostrando a inferioridade desta contribuição.

Tal é sua análise sobre os cultos religiosos dos negros e mestiços ao defender que o africano, com o seu fetichismo, é incapaz de assimilar a abstração da religião católica, ocorrendo, pelo menos na Bahia, que o catolicismo receba influência dos cultos de raiz africana. Quando se refere à língua do negro, também, a intenção, parece ser demonstrar a simplicidade de sua estrutura e, por último, quando aborda a arte dos africanos demonstra que, embora revele o grau de civilização ou evolução de alguns povos, ela é “primitiva” e está em um estágio atrasado em relação à arte de outros povos.

**Referências Bibliográficas**

- CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. 2ª ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2001.
- RODRIGUES, Nina. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Editora UFRJ. 2006.
- RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Madras, 2008.
- SCHWARCZ, LÍlian Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.